

As primeiras leituras da Revolução de Outubro feitas pelo movimento anarquista uruguaio¹

George Fellipe Zeidan Vilela Araújo*

Introdução

Na trajetória do movimento operário-social internacional, a Revolução Russa de 1917 é um dos momentos de maior relevância, sendo frequentemente apontada como um divisor de águas para as esquerdas em todo o mundo – incluindo aqui não apenas o socialismo e o comunismo, mas também o anarquismo. Apesar de muito distante geograficamente, os ecos da Revolução Russa se fizeram sentir também na América Latina, região que também passava por um período conturbado. Em muitos países latino-americanos, como o Uruguai, um ainda incipiente movimento operário-social questionava a ordem que havia sido imposta pelas elites desde o fim do período colonial. A tendência majoritária no movimento operário-social uruguaio era a anarquista e, ainda que a Revolução tenha provocado comoção e otimismo, não deixou também de suscitar inúmeras questões de ordem ideológica e conceitual entre os libertários.

O objetivo deste trabalho é apresentar as primeiras leituras que o movimento anarquista uruguaio, no calor do momento, fez imediatamente após a Revolução de Outubro na Rússia. Para tanto, utilizaremos textos que foram veiculados entre os meses de novembro e dezembro de 1917 por dois periódicos anarquistas de expressão – *La Batalla* e *El Hombre* – que circulavam em Montevideu no começo do século XX.

O anarquismo uruguaio e os periódicos *La Batalla* e *El Hombre*

Os principais veículos de propagação dos ideais anarquistas no *Río de la Plata* no começo do século XX eram os periódicos libertários, cujos títulos mais importantes circulavam tanto no Uruguai quanto na vizinha Argentina.

No Uruguai, a capital Montevideu concentrava o maior número de organizações, publicações e militantes anarquistas. Naqueles anos, havia no país uma grande variedade de publicações anarquistas, mas contrariamente ao que acontecia com a maioria das publicações ácratas do período, *La Batalla* e *El Hombre* circularam de maneira contínua e regular – de 1915 a 1927 e de 1916 a 1924, respectivamente. Seu público leitor era composto principalmente por trabalhadores urbanos e pelas classes médias emergentes, e os periódicos em questão circulavam com tiragens relativamente grandes para os padrões da época (cerca de dois mil exemplares por edição, de acordo com os próprios editores).

Assim como acontecia com o movimento libertário em outras localidades, o anarquismo uruguaio estava dividido em várias correntes. Ainda que muitas vezes elas professassem ideias que se contrapunham umas às outras, isso não impedia que se identificassem como sendo parte de um movimento comum que ansiava chegar ao ideal da Anarquia. A análise dos títulos dos periódicos, dos temas recorrentes, das notícias e informações veiculadas, dos artigos educativos, das datas comemorativas destacadas, dos conteúdos das matérias e da linguagem utilizada nos permite afirmar que duas correntes ocupavam papel destacado no interior do anarquismo uruguaio de começos do século XX. Uma combinação de anarcocomunismo³ e anarcocoletivismo,⁴ permeada por alguns elementos anarcossindicais,⁵ contrapunha-se a uma vertente do anarquismo individualista⁶ atravessada pelas teorias social-evolucionistas em voga na época. Seriam justamente essas posições que, difundidas e defendidas pelos periódicos *La Batalla* e *El Hombre*,

agrupariam e antagonizariam a militância libertária uruguaia na interpretação dos dramáticos eventos que aconteciam na longínqua Rússia.

A princípio, os grupos responsáveis pelos dois periódicos (que frequentavam os mesmos centros de estudos anarquistas e se conheciam dos círculos do movimento operário e sindical, bem como das atividades e congressos levados a cabo pela *Federación Obrera Regional Uruguay – F.O.R.U.*) mantiveram relações de respeito e fraternidade. Inicialmente, nas polêmicas predominava a cordialidade e o respeito às ideias divergentes. Logo, essa postura daria lugar ao enfrentamento e depois à franca oposição. Artigos e editoriais passaram a ser feitos sob medida para atacar as posições do outro grupo que, por sua vez, logo publicava a réplica em seu veículo de comunicação. Os desacordos entre os dois grupos libertários aumentaram sensivelmente ao longo do ano de 1917. Durante os primeiros meses daquele ano, os editores de *La Batalla* e *El Hombre* discutiram assiduamente sobre os significados de revolução, evolução e anarquia. Apesar das divergências, expressão de sua simpatia às correntes anarquistas antes mencionadas, ambos compartilhavam esperançosamente a ideia da inevitável e relativamente próxima destruição da ordem capitalista, pois tratar-se-ia de um “processo natural” de evolução da sociedade e dos indivíduos.

Essas discussões ganharam grande impulso e a elas foram incorporados novos elementos com a Revolução de Fevereiro na Rússia que, ao derrubar o odiado czarismo, havia atraído a atenção dos libertários uruguaiois e merecido seu elogio. Contudo, as discordâncias entre os grupos de *La Batalla* e *El Hombre* foram intensificando-se nos meses seguintes, e o tom das acusações mútuas entre os libertários uruguaiois foi subindo progressivamente até a eclosão da Revolução de Outubro.

Debates e enfrentamentos no anarquismo uruguaio com relação à Revolução de Outubro

Para grande parcela do movimento operário-social mundial da época, Outubro representou a esperança do prenúncio de uma onda revolucionária

mundial, ou, pelo menos, o começo das tão desejadas mudanças. E foi justamente esse espírito de esperança que transpareceu na primeira edição de novembro de *La Batalla*, que continha já dois textos sobre a Revolução de Outubro. No primeiro deles, os editores elogiavam o “revolucionário povo russo” e criticavam o pessimismo e a covardia dos anarquistas locais duvidavam que um movimento assim pudesse acontecer.

Mais uma vez receba nossa saudação, livre e valente Rússia! Consola-nos pensar que nunca duvidamos de teu valor e poder desde as primeiras faíscas da revolução libertadora. E é que não te julgávamos através de nosso pessimismo e covardia ambiente, mas sim através de tua tradição revolucionária e emancipadora. [...] Tu, livre Rússia, darás alento com tua atividade viril a todos os povos para que procurem imitar-te e sacudir o jugo que nos oprime. Saberemos fortalecer nossas esperanças de futuro, sacudiremos a pesada carga de nossos pessimismos suicidas, e te acompanharemos a formar os povos livres, onde ao lado de um dever criaremos o direito de cada um viver sua vida sem deuses nem amos. Saudações, valente e livre Rússia! Saudações, povo de heróis, recebei nosso abraço fraternal através das fronteiras que logo varreremos! Saudações!⁷

No segundo, sustentavam que a nova revolução na Rússia seria o anúncio do despertar dos povos, a aurora vermelha que iluminava o caminho a ser seguido pelos que lutavam para derrocar a tirania política e a exploração econômica.

O momento é de luta. Os sinos tocam a rebate convidando o povo para as grandes reivindicações. Por todas as partes há fogueiras acesas e suas chamas são purificadoras porque são de justiça e de liberdade... São as vozes sonoras dos povos oprimidos que se preparam para romper os grilhões das correntes que eles mesmos se colocaram em uma época de ignorância e obscurantismo. As coroas e os tiranos caem; é o regime burguês cambaleante que cava a própria fossa; é a sociedade moribunda que desaparece para dar passagem à sociedade futura, cimentada no amor, na paz e na fraternidade. São os produtores, os párias e hilotas que se dão as mãos em laço fraternal para dar o último empurrão em um regime de tirania e barbárie, que com vergonha e ignomínia reinou sobre a terra durante séculos e séculos. Saudemos, pois, a aurora vermelha que aparece nos novos horizontes. Os sinos tocam a rebate. Os proletários do universo se alçam altivos como as ondas do mar enraivecido. O proletariado desperta. E o vento

matinal nos acaricia com as brisas libertárias que nos trazem de longínquas praias. Bem-vinda seja essa aurora, que como um farol luminoso se distingue nos novos horizontes da humanidade redimida...⁸

Muito mais contido, *El Hombre*, em sua edição de nº 55, também do dia 10 de novembro, igualmente continha um texto sobre a questão russa. É sintomático que seus responsáveis tenham preferido qualificar o sucedido como “outro golpe de Estado”.

Rússia acaba de ter outro golpe de Estado. Agora o golpe é dos de baixo, isto é, dos ultrademocráticos contra Kerensky, como antes foi dos ultraconservadores com Kornilov à frente. “Proposição imediata de uma paz justa”. Este é o gesto simpático do governo maximalista.⁹ Ato que é de difícil realização, porque a paz justa do governo alemão, turco, búlgaro e austríaco, não é a paz justa do povo russo. É difícil harmonizar ideias e entender-se devidamente entre um povo como o russo com os governos anteriormente citados. Se a democracia russa pudesse entender-se com o povo alemão, austríaco, turco e búlgaro diretamente, então a paz justa de que se trata poderia ser um fato. Enfim, esperemos. Kerensky foi o homem dos meio-termos. Para vencer a reação personificada em Kornilov, chamou em seu auxílio aos maximalistas; agora estes o depõem e perseguem por ser demasiado moderado. Outro ponto importante do programa dos maximalistas é a repartição das terras dos nobres e latifundiários, assim como também os bens da Coroa. O governo dos operários substituiu o governo burguês. As doutrinas de Marx vão abrindo caminho em direção à realidade, sem anos e anos de política estéril. Mas é necessário que façamos um compasso de espera em nossas apreciações. Muitas vezes dissemos que não caímos de amores pelos predomínios de classe nem pelos legalismos. A burguesia foi derrocada pela metade e a revolução está apenas em sua fase inicial; entretanto, do “Maximalismo” ao “Czarismo” há uma grande distância. [...] Rússia democrática, quando normalizar suas funções econômicas sem propriedade particular das terras e com organização industrial sindicalista, terá acabado de chegar ao verdadeiro caminho, que é o econômico antes que o político e não inversamente, como ali vem sucedendo, infelizmente. Não obstante, não desesperemos do porvir. Deste mundo de maldade que é a guerra com todos os seus horrores, surgirá quiçá uma ação renovadora, tal a luz da Aurora que põe fim ao reino da noite.¹⁰

El Hombre deliberadamente evitou julgamentos naquele primeiro

momento e preferiu apontar os avanços em relação ao governo de Kerensky, elencando os pontos positivos do programa dos *maximalistas*, mas também as possíveis dificuldades em sua implementação. Contudo, abria-se uma pequena brecha que indicava que também possuía alguma esperança no porvir... poderia ser que da terrível guerra acabasse germinando um mundo melhor.

Mas, para *La Batalla*, já nenhum anarquista podia duvidar de que na Rússia haviam triunfado os elementos avançados, e isso significava que realmente não era preciso que todo o povo estivesse “preparado” para a revolução desde que houvesse uma minoria revolucionária esclarecida moral e intelectualmente, que pudesse empreender movimentos de luta pela transformação social. Primeiro resolver os problemas materiais, por fim à exploração capitalista e às privações para depois avançar em direção à emancipação moral e política: para *La Batalla* a ordem a ser seguida era clara. O periódico também discordava da análise de *El Hombre* sobre a possibilidade de que os bolcheviques viessem a assinar uma paz incondicional que pusesse em risco o novo regime, algo que a própria imprensa burguesa – ainda que, como diziam os anarquistas, fosse censurada por toda parte e deturpasse os acontecimentos – já estaria, a contragosto, reconhecendo.¹¹

Mas o que efetivamente *queriam* os “maximalistas” da Rússia? Após fazer um breve retrospecto dos eventos que marcaram a história russa na primeira década do século XX e do congresso do POSDR que consagrou a divisão entre bolcheviques e mencheviques, *La Batalla* fez uma exposição resumida do “programa revolucionário”.

O programa dos maximalistas, exposto em linhas gerais, é o seguinte: a socialização completa de todas as fábricas, usinas, estradas de ferro e de toda matéria-prima e utensílios de trabalho necessários para a produção. A terra, com seus utensílios, passa a ser propriedade comum do camponês. Nacionalização do fisco, ou seja, desconhecimento de toda dívida externa contraída anteriormente pelo governo. Como único meio de luta, a revolução. Os comitês (*Soviets*) dos diferentes povoados são os únicos que, em cada lugar, devem organizar sua vida sem depender da Capital, sem por isso deixar de implantar-se o apoio mútuo e o intercâmbio. Em resumo: todo um grande princípio para encaminhar-se à anarquia, aspiração suprema de liberdade e bem-estar

humano.¹²

É curioso que, para *La Batalla*, se o “programa bolchevique” (que em nenhum momento se declarou libertário) fosse devidamente aplicado, encaminharia a humanidade em direção à anarquia! Porém, de fato, esse programa guardava alguma semelhança com os preceitos anarcocomunistas: a defesa de que a propriedade da terra, dos recursos naturais e dos meios de produção fossem mutuamente controlados por comunidades locais federadas.

Por sua parte, os responsáveis por *El Hombre* parecem ter ficado atordoados com a nova revolução na Rússia. Não voltaram a tocar no assunto no mês de novembro, limitando-se a tratar da “decadente política uruguaia”, a condenar a guerra e a divulgar vagos artigos que tratavam da necessidade de aperfeiçoamento moral dos homens, e da importância de se semear a ideia anarquista. Por outro lado, os editores de *La Batalla*, um tanto quanto eufóricos, já não tinham mais dúvidas sobre qual deveria ser a postura dos anarquistas e contestavam as declarações de que na Rússia houvesse naquele momento um “governo revolucionário”. Governo e revolução seriam termos autoexcludentes. O poder agora pertencia aos *soviets*, e caberia a eles cumprir o que era apontado como sendo a parte mais difícil da Revolução Russa, “o maior acontecimento dos tempos atuais”: consolidá-la.

Consolidar a revolução. Eis a preocupação central que deve mover a inteligência dos revolucionários. É o problema mais árduo, o mais escabroso, de maior perigo depois da violenta sacudida. Contudo, parece que os revolucionários russos souberam resolver tão delicado ponto. Como? É o que vamos ver. As assembleias do povo, das cidades, das aldeias e dos campos, são as únicas reguladoras da vida e suas resoluções para sua realização possuem assim a força moral suficiente para ser executadas, posto que têm a sanção da maioria do povo. Os *Soviets*, que a burguesia e o povo ignaro chamam “governo revolucionário”, são simples delegações do povo encarregadas de certos atos nos quais é imprescindível que apareçam poucos indivíduos, tais como o transmitir de resoluções, notícias, etc., etc., etc. Das assembleias do povo ao interior ou exterior da região, realizar acordos com os países que do regime anterior foram amigos ou inimigos. Essa é a missão dos *Soviets*. Não ditam ordens, as recebem do povo para serem transmitidas aonde seja necessário. Nada mais. Portanto, não são autoridade. A autoridade ali caducou. [...] A

revolução russa é o maior acontecimento dos tempos atuais. Marca na história da humanidade o primeiro ciclo da era igualitária que é forçoso e fatal que deve viver-se, depois da tremenda hemorragia que hoje aflige o mundo. A revolução social tem que ser e será a *ultima ratio* dos povos face à vesânia criminosa dos governos. É imperioso, então, que os revolucionários de todos os países saibam agir, tal como os revolucionários da Rússia: com inteligência e energia. A preparar-se!¹³

Assim, sendo a revolução na Rússia algo tão transcendental, inauguradora de uma nova era, o conteúdo da propaganda anarquista não era mais uma questão de mera preferência pessoal, de “temperamentos diferentes”. Bosquejar a “bem próxima” transformação social, a ser efetivada pela massa conscientizada e pela minoria vanguardística, era uma necessidade incontornável. Aqueles que não pudessem ou não quisessem fazê-lo, deveriam simplesmente afastar-se, sair do caminho para não atrapalhar as ações dos demais.

De hoje em diante, devemos reconcentrar nossas energias em direção a um objetivo comum e único: a preparação imediata da massa e especialmente as minorias, para dar o grande golpe na propriedade privada e no Estado. Todos os nossos atos de propaganda oral e escrita, toda nossa crítica ou movimento a iniciar-se no seio do povo deve ter como finalidade bosquejar a grande transformação que dentro de pouco é necessário e imprescindível empreender. Afastemos de nossa mente, por agora, toda ação de propaganda que possa dar seus frutos apenas para o ano dois mil... Deixemos para outros momentos, por favor, tudo o que seja simples acessório; tudo o que possa ser um simples verniz intelectual. Suspendamos por um momento de fazer versos, de polir a prosa, de estudar astronomia, etc. Aprofundemos seriamente a melhor maneira de saber desenvolver-nos em um período álgido de reorganização social sobre bases completamente diferentes das presentes. Que em nossos centros de estudos, em nossos periódicos e em todo lugar que haja reuniões de amigos, que ocupe o primeiro lugar o presente tema que é urgente, de inegável necessidade tratá-lo. E que os cétricos, os que perderam toda fé em si mesmos e nos demais homens, que se coloquem à margem e contemplem sem estorvar a obra dos que acreditam, dos que vivem...¹⁴

El Hombre decidiu rebater os argumentos acima expostos. Não haveria razão para que a atitude anarquista se modificasse, pois os tempos

continuavam sendo de propaganda e de luta. O que não se poderia deixar de fazer era observar as leis básicas da natureza, que eram aplicáveis também à sociedade humana.

Todo processo progressivo contém seus fatores, suas energias propulsoras, o curso normal que lhe determinam leis universais. Quando a fruta está madura, cai da árvore por seu próprio peso. E aceitando o símil, tudo o que pode fazer a revolução é sacudir a árvore para acelerar e ainda antecipar em pouco tempo a queda; mas sempre que a fruta esteja madura. Sem produzir uma revolução nos espíritos da maioria, não será possível a transformação social em benefício para a espécie, salvo que se apresente o problema da felicidade universal em uma solução de força e de violência, que seria igual a escrever outra página mais de escravidão.¹⁵

A revolução não podia ser inventada, apenas estimulada, acelerada. Revoluções que carecessem de bases reais, sem a necessária preparação intelectual da maioria dos homens, apenas criariam novas formas de escravidão. Lançar palavras de efeito ao vento, com o propósito de impressionar os ingênuos por sua “suposta radicalidade”, como fazia *La Batalla*, não possuía nenhuma serventia para o estabelecimento de verdadeiras bases revolucionárias. A revolução precisava de um programa efetivo, e tal programa não só já existia, como era colocado em prática há muito tempo pelos anarquistas. Aliás, tratava-se de um programa permanente, que não mudava com os tempos, pois seria a própria aplicação atemporal da *justiça*.

Quer-se um programa imediato para apresentá-lo ao povo com o laudável fim de fazer a revolução? Pois o programa está em prática há muito tempo, é obra diária dos anarquistas em todas as conferências, em todos os encontros. É simples, claro, à medida de todo entendimento. No econômico: que os trabalhadores se apoderem dos utensílios do trabalho – fábricas, matérias-primas, minas, campos – e por si mesmos, administrem e utilizem os produtos, sem ter tolerância para os parasitas. Um mundo novo, onde todos sejam cooperadores com obra útil. No político: que seja anulada toda situação de violência por meio da desorganização de toda força e se considere como maior delito as funções de governo. O programa não poder ser mais sintético: o produtor deve ser o dono do que produz; o homem deve ser o dono de sua vontade [...]. Não pode haver programa mais simples para todos os

homens. É um programa de ontem, de hoje, de amanhã e de sempre. Não está sujeito a reformas nem mudanças porque é um programa de justiça. Tal é o programa dos anarquistas que não sonham nem fazem revolução com palavras mais ou menos sonoras.¹⁶

Por fim, o esperado rechaço à defesa da preparação das minorias, “chamem-se governo ou caudilhos do povo”.¹⁷ Não havia que se preparar “minorias inteligentes” que se converteriam, inevitavelmente, em tiranos. O que se deveria fazer, ao contrário, era preparar as majorias, desde a primeira infância, para evitar que as crianças aprendessem coisas prejudiciais à causa da liberdade e entorpecessem, com esses preconceitos herdados, o progresso da vida social.¹⁸

A essa altura, *La Batalla* enxergava em qualquer manifestação, protesto ou ato reivindicatório, fosse na Argentina, Áustria, Espanha, Portugal, México ou Estados Unidos, a possibilidade que se radicalizasse e assumisse proporções revolucionárias. Portanto, não havia tempo a perder: preparar as minorias revolucionárias, que desalojariam as minorias reacionárias que sustentavam o estado de coisas então existente, era tarefa premente. Nesse espírito, a redação do periódico afirmou desejar receber opiniões e comentários sobre a Rússia e a situação mundial, e chegou a organizar uma enquete, veiculada em seu segundo número de dezembro. As questões a serem respondidas pelos leitores eram bastante tendenciosas, com perguntas que iam da possibilidade da revolução na Rússia influenciar os movimentos revolucionários no mundo ao questionamento da necessidade urgente da formação de minorias que pudessem orientar a população durante o processo revolucionário, passando pela criação de organismos semelhantes aos *soviets* nas cidades uruguaias. Essa edição ainda contava com um chamado aos “anarquistas revolucionários”, dizendo de maneira bem explícita que, sob a influência do que acontecia na Rússia, a emancipação do proletariado e a utopia anarquista estavam se transformando em realidade. Havia, portanto, que alardear essa situação a todos os cantos do planeta.

Triunfante a revolução russa, já consolidado lá o novo regime que é um grande passo dado rumo à meta por nós sonhada,

aberta assim a brecha por onde deve penetrar o raio de sol que tonifique a humanidade toda, não podemos nós homens de pensamento e de ação, permitir que ela se feche com a derrubada que indubitavelmente se produziria se permanecêssemos mais inativos. E que a alarguemos mais, derrubemos as muralhas que a circundam para deixar livre o caminho aos ventos que vêm da Rússia, ventos que são portadores de Liberdade, de Igualdade e de Fraternidade sem bandeira. Trabalhem. Façamos chegar a todos os âmbitos do planeta a fausta nova. Gritemos, gritemos bem forte para que todos nos ouçam que o bem-estar, que a emancipação do proletariado, que a igualdade econômica dos seres humanos já não é mais utopia, já não é mais uma ilusão, que é pois, uma grande realidade. Desse modo aceleraremos a chegada daquele dia glorioso em que os hoje escravos seremos em nosso abraço fraternal com os demais homens, cobertos com o manto de nossa mãe: Anarquia!¹⁹

Já vimos como *El Hombre* não compartilhava dessas opiniões tão... “otimistas”. Entretanto, em um de seus números de dezembro, o periódico se viu forçado a prestar esclarecimentos a seus leitores sobre o porquê de a Revolução Russa estar recebendo tão pouca atenção em suas páginas – o que nos mostra claramente como esse já era assunto bastante comentado no interior do anarquismo uruguaio e do movimento operário-social em geral. Isso foi explicado recorrendo-se à necessidade de se ter prudência e não fazer julgamentos apriorísticos sobre fatos importantes, quando não se possuía informações suficientes para emitir um posicionamento mais incisivo. E mais: como para o periódico anarco-individualista Lenin e Trotsky haviam constituído um governo, fazia questão de lembrar que era um princípio libertário não apoiar nenhum governo – ainda que fosse “progressista” –, e muito menos tomar parte nele.

Nossa simpatia pela conduta do povo russo é evidente e não admite dúvidas. [...] Reconhecemos que se se compara o governo de Lenin e Trotsky com outros governos anteriores da Rússia, inclusive o do próprio Kerensky, há que se destacar um sensível progresso. E se se compara com governos de outros países, a diferença é enorme. Mas nós, os anarquistas, não podemos estar com nenhum governo, por mais avançado que seja, posto que nosso objetivo, convém repeti-lo, é a liberdade do homem e não o governo dos povos.²⁰

Além disso, *El Hombre* acreditava que, assim como ocorreu com várias outras revoluções ao longo da História, também a Revolução Russa conheceria seu Termidor: o ímpeto revolucionário iria arrefecer, dando lugar ao sentido de conservação daqueles que haviam obtido o poder.²¹

Mas essa postura tão crítica e tão desconfiada não era majoritária no interior do anarquismo uruguaio. Com efeito, houve uma cisão no grupo que se encarregava de editar *El Hombre*. A publicação era editada pelos centros de estudo de “Arroyo Seco” e “Villa Muñoz”, partes do *Centro de Estudios Sociales*, uma organização que se ocupava em promover várias atividades educativas, culturais, sociais e políticas de caráter libertário. Contudo, no último número de dezembro, foi publicada no periódico uma nota assinada pelo secretário do Centro, que relatava ter havido uma reunião de duas sedes integrantes que desaprovava a forma como vinha sendo feita a propaganda sobre a Revolução Russa em *El Hombre*, e que convocava os centros de estudos responsáveis pela edição da publicação para uma reunião onde se discutiria quais medidas deveriam ser tomadas. Logo a seguir, o responsável pela direção da redação de *El Hombre* reafirmou o direito de defender suas “posições pessoais” sobre a questão e colocou seu cargo à disposição.²²

Enquanto isso, *La Batalla*, que obviamente rechaçou a ideia de que as minorias revolucionárias de que falava possuíssem qualquer semelhança com o que se entendia por governo, ainda lançou uma campanha para que sua tiragem fosse aumentada e chegasse às cidades do interior do país e também à zona rural: todos deveriam saber o que acontecia na Rússia.²³

Os camponeses são donos da terra e das ferramentas necessárias para o trabalho. Cada sindicato encarregou-se da administração da indústria a que pertence. Na ordem política chegou-se à anarquia? Não, mas foram dados os passos necessários para chegar a isso livre de obstáculos; por exemplo, começou-se a descentralizar toda direção, cada região, cidade, povoado e aldeia rege-se por si mesmo, sem abandonar a necessária solidariedade entre todos. Desta forma o povo russo se encaminhará a passos de gigante: a que cada um seja dono de si mesmo.²⁴

Para o periódico, com efeito, era muito claro o que estava

acontecendo: as reformas e mudanças econômicas e sociais faziam com que a Rússia estivesse caminhando aceleradamente rumo à Anarquia.

Considerações finais

Como procuramos mostrar através dos artigos selecionados nos periódicos libertários uruguaios *La Batalla* e *El Hombre*, quando de sua irrupção, a Revolução Russa foi um evento transcendental. O acontecimento extrapolou fronteiras e foi entendido como a materialização dos sonhos, a ansiada e buscada transformação do estado de coisas, o princípio da ansiada *Revolução Social* que se divisava no horizonte de expectativas de uma série de movimentos radicais de transformação social em todo o mundo, do qual o anarquismo era importante expressão. Para muitas pessoas que viveram 1917, Outubro era a utopia que se realizava, *a tão aguardada Revolução*. Como pode ser entendido tamanho poder mobilizatório? Segundo o historiador francês François Furet,

[...] o poder de Outubro sobre as imaginações vem também do reaparecimento, a mais de um século de distância, da mais forte representação política da democracia moderna: a ideia revolucionária. [...] O que há de tão fascinante na revolução? É a afirmação da vontade na História, a invenção do homem por si mesmo, figura por excelência da autonomia do indivíduo democrático. Assim, a Revolução Russa não teria sido o que foi na imaginação dos homens dessa época se não se tivesse inscrito no prolongamento do precedente francês [a Comuna de Paris] e se essa ruptura no tempo já não tivesse sido revestida de uma dignidade particular na realização da História pela vontade dos homens.²⁷

Não obstante, como vimos, as primeiras reações do anarquismo uruaio à Revolução de Outubro produziram leituras conflitantes. À semelhança do que afirmou o historiador argentino Roberto Pittaluga sobre as interpretações da Revolução Russa feitas pelo anarquismo argentino, as primeiras leituras e considerações feitas pelo movimento libertário uruaio sobre o evento

[...] estiveram eivadas das representações e conceitualizações preexistentes da revolução, as quais, somadas à conjuntura sociopolítica [...] e às próprias práticas do anarquismo local, conformavam o *contexto de reconhecimento* da revolução russa. Por outro lado, o acontecimento revolucionário comoveu os imaginários e as formulações prévias: interpretar a revolução russa era também interrogar-se sobre os próprios pressupostos teóricos e políticos das práticas locais, sobre sua plasmação em representações e imagens, e ainda sobre a conformação de determinadas identidades. A revolução russa se constituiu então como um desafio ao mesmo tempo teórico e político que obrigou a reformulações, a novas afirmações ou, ao menos, a novos fundamentos para velhas condutas e identidades.²⁸

Assim, no final de 1917, o movimento libertário uruguaio encontrava-se dividido com relação à revolução na Rússia. Por um lado, havia a identificação e apoio entusiástico do grupo de *La Batalla*, enquanto que por outro, existia o relativo apoio crítico dos responsáveis por *El Hombre*. No conjunto, a balança parecia pesar para o primeiro grupo, já que a Revolução de Outubro comoveu toda a militância anarquista uruguaia e angariou a simpatia da maior dela, que buscava, “assim como a Rússia”, encontrar o caminho da emancipação.

1 Este texto contém partes modificadas de minha dissertação de mestrado, intitulada *O impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio (1917-1921)*, publicada pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFMG em 2012.

* Doutorando em História pela UFSC e membro do NEHAL (Núcleo de Estudos de História da América Latina). E-mail: georaujo@ymail.com

3 Essa vertente do anarquismo afirma que a propriedade da terra, dos recursos naturais e dos meios de produção deve ser mutuamente controlada por comunidades locais federadas. Todas as decisões seriam tomadas de maneira local e direta sem a existência de intermediários ou de qualquer autoridade central (WARD, Colin. *Anarchism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 2).

4 O coletivismo anárquico advoga a abolição revolucionária do Estado e o fim da propriedade privada dos meios de produção, que passariam a ser propriedade coletiva e administrados pelos próprios trabalhadores. (Idem, *ibidem*).

5 O anarcossindicalismo coloca ênfase nas ações de luta e resistência dos trabalhadores organizados contra a exploração do trabalho e a violência estatal. Um de seus objetivos é a deflagração de uma greve geral que aboliria o Estado e abriria caminho para o estabelecimento de uma sociedade livre dirigida pelos próprios trabalhadores (Idem, *ibidem*). A expressão “anarcossindicalista” não foi utilizada de maneira ampla até o começo da década de 1920, “[...] quando foi aplicada de maneira polêmica como um termo pejorativo pelos comunistas a quaisquer sindicalistas... que se opusessem ao aumento do controle do sindicalismo pelos partidos comunistas” (BERRY, David. *The Aftermath of War and the Challenge of Bolshevism, 1917-1924*. In: BERRY, David. *A history of the French anarchist movement, 1917-1945*. Westport: Greenwood Press, 2002, p. 134)

6 O anarquismo individualista agrupa uma série de correntes bastante diversas. O politólogo Michael Freeden identifica quatro amplos tipos de anarquismo individualista. O primeiro tipo estaria associado a William Godwin, que advogava o autogoverno com um resultado de uma progressiva e benevolente racionalização da vida social. O segundo seria a racionalidade

amoral e interesseira do Egoísmo, majoritariamente associada ao neohegeliano Max Stirner. O terceiro estaria ligado às previsões iniciais de Herbert Spencer e de alguns de seus discípulos, como Wordsworth Donisthorpe, que previam o progressivo desaparecimento do Estado em decorrência da evolução social. O quarto, relacionado a alguns norte-americanos, como o escritor Benjamin Tucker, não descarta certa cooperação social, mas admite uma forma moderada de egoísmo e defende as relações de mercado (FREEDEN, Michael. *Ideologies and Political Theory: A Conceptual Approach*. Oxford University Press Inc., 2006, pp. 313-314). Em comum a todas elas é a ênfase colocada sobre o indivíduo, considerado um fim em si mesmo. A única maneira legítima de associar-se a outros indivíduos seria através de seu livre desejo pessoal, sem submeter-se a nenhuma ideologia ou vontade externa, nem ditames morais e sociais, como, por exemplo, o chamado “bem comum”. De maneira geral, o anarquismo individualista sempre se preocupou muito mais com a mudança interna do que com a transformação externa (WARD, Colin. *Anarchism: a very short introduction*, p.2).

7LA BATALLA, nº 48, 10 de novembro de 1917.

8LA BATALLA, nº 48, 10 de novembro de 1917.

9Os termos *maximalismo* e *minimalismo* começaram a ser utilizados durante os debates políticos e teóricos do Partido Social-Democrata Alemão (SPD) em fins do século XIX, representando duas alas que se opunham no que dizia respeito ao fins e aos objetivos a serem perseguidos pela luta operária socialista. Sem negar a importância das reformas políticas, econômicas e sociais, o programa máximo considerava-as apenas um meio para se chegar ao objetivo final, isto é, o estabelecimento da propriedade social dos meios de produção e de troca. O programa mínimo colocava ênfase na realização prática das reformas em si, que iriam melhorando aos poucos a vida dos trabalhadores. “Hoje o termo [maximalismo] parece ter perdido as primitivas raízes históricas, tornando-se simples sinônimo de intransigência ideológica e de aspereza na luta política de esquerda. Fica-lhe, porém, a conotação negativa, a da denúncia de ações políticas sem resultado concreto, puramente demonstrativas” (BONGIOVANNI, Bruno. *Maximalismo*. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, pp. 744-745). Há, porém, outro sentido para o termo. Em um primeiro momento, os bolcheviques ficaram conhecidos em muitos países ocidentais como *maximalistas*, devido às traduções do russo transliterado *bol'shinstvo* (majoritários), em oposição aos *men'shinstvo* (minoritários). Essas eram as denominações pelas quais eram conhecidas as duas principais frações do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), que se separaram no segundo congresso da agremiação, realizado entre julho e agosto de 1903, em Londres. Cf. BROUÉ, Pierre. *Le Parti Bolchévique – histoire du PC de l'URSS*. Paris: Minuet, 1963, pp. 14-15.

10 EL HOMBRE, nº 55, 10 de novembro de 1917.

11 LA BATALLA, nº 49, 20 de novembro de 1917.

12 LA BATALLA, nº 49, 20 de novembro de 1917.

13LA BATALLA, nº 50, 30 de novembro de 1917.

14LA BATALLA, nº 50, 30 de novembro de 1917.

15EL HOMBRE, nº 60, 15 de dezembro de 1917.

16 EL HOMBRE, nº 60, 15 de dezembro de 1917.

17 EL HOMBRE, nº 60, 15 de dezembro de 1917.

18EL HOMBRE, nº 60, 15 de dezembro de 1917.

19 LA BATALLA, nº 52, 20 de dezembro de 1917.

20 EL HOMBRE, nº 61, 22 de dezembro de 1917.

21EL HOMBRE, nº 61, 22 de dezembro de 1917.

22 EL HOMBRE, nº 62, 29 de dezembro de 1917.

23LA BATALLA, nº 53, 30 de dezembro de 1917.

24 LA BATALLA, nº 53, 30 de dezembro de 1917.

27FURET, François. *O passado de uma ilusão: ensaio sobre a ideia comunista no século XX*. São Paulo: Siciliano, 1995, pp. 80-81.

28 PITTALUGA, Roberto. *Lecturas anarquistas de la Revolución Rusa*. In: *Prismas nº 6*, p. 179.